

Boletim da Comissão Catarinense de Folclore



Ano XLIII - Nº 61 - 2010



EDIÇÃO Nº 61

Pede-se Permuta
Piedese canje
We ask exchanger
Sirichiede lo scambio
On demande l'échange
Man bitet um Austansech
Oni petas intersangon

Diretoria Executiva da Comissão Catarinense de Folclore/
Mandato até agosto de 2011.

Nereu do Vale Pereira
Presidente

Maura Soares
Vice-Presidente

Francisco do Vale Pereira
Secretário

Gelcy José Coelho
Tesoureiro

Conselho fiscal

Carlos Alberto Angioletti Vieira
Osvaldo Ferreira de Melo
Acyr Osmar de Oliveira

Endereço para correspondência e solicitar exemplares:

Ecomuseu do Ribeirão da Ilha

Rodovia Baldicero Filomeno, 10106.

Costeira do Ribeirão – Ribeirão da Ilha

88064-002 – Florianópolis – SC

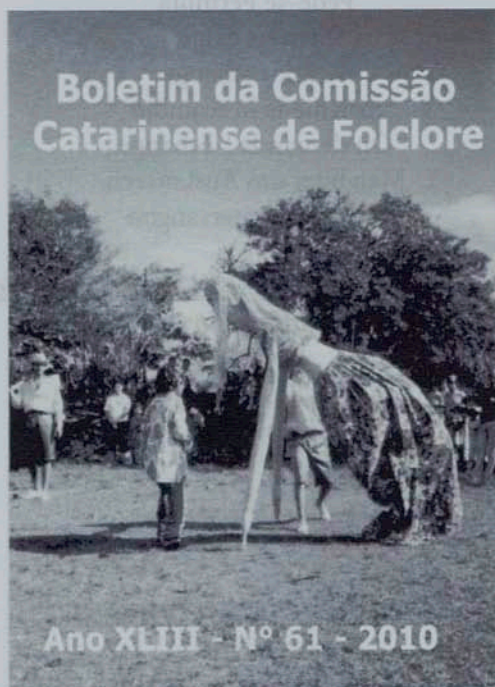


Foto de Capa – Nereu do Vale Pereira Filho
Uma tomada da dança da Maricota e o Anão
seu marido, figuras integrantes da apresentação
do Boi de Mamão.

Digitação – Cristina Maria Dalla Nora
Organização e montagem – Nereu do Vale Pereira
Revisão – Cristina Maria Dalla Nora
Impressão – Post Mix Serviços gráficos.

INDICE

1- Editorial.....	04
2- Notas do Folclore Nacional.....	06
Parlenda Infantis – Fausto Teixeira	
3- Folclore doutras terras.....	07
Folclore açoriano a respeito de feiticeiras - Dr. Carreiro da Costa.	
4- Encontro de Bois de Norte a Sul - Ano 2	10
5- Lançamento de livro sobre o Boi de Mamão.....	13
6- Acerca da origem da bernunça.....	16
Professor Nereu do Vale Pereira	
7 - Olha a bernúncia.....	24
Antonio Augusto Nóbrega Fontes	
8 – A Produção da Representação da CCF na cidade de Canelin- ha.....	27
“Trabalhos premiados em Concurso Nacional”	
9 - Poesia “O Flamboyant em flor”.....	49
Almira Lima – visitante do Ecomuseu	
10- Correspondência de outra Comissão de Folclore.....	50
Diário do Nordeste 03/01/2010	
11- Com quantos paus de faz uma canoa?.....	53
Paulo Clóvis Schmitz - Noticias do Dia - 06 e 07 de março de 2010	
12 - O cravo não brigou com a rosa.....	54
Luiz Antônio Simas	
13 – Associados da Comissão Catarinense de Folclore.....	57

Prezados associados e leitores do nosso tradicional BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE. Estamos, com este exemplar chegando ao número 61 e com 62 anos de existência da Comissão Catarinense de Folclore que foi criada em outubro de 1948.

Nosso BOLETIM nasceu para ser uma publicação mensal. Após três edições passou a ser semestral e, a partir de uma nova época de administração da Comissão Catarinense de Folclore, 1970, passou a ser anual com diversos interregnos e com edições plurianuais.

As dificuldades para se elaborar um periódico são sempre embaraçosas e esbarram em falta de artigos, ausência de colaboradores, falta de recursos financeiros para sua montagem e impressão e limitações administrativas de uma instituição de direito privado sem fins lucrativos e que sobrevive quase sempre sob a responsabilidade, custeio e tempo de seus dirigentes.

Os apoios são conquistados com muito esforço e com trabalhoso poder de convencimento. Mas, nem, por isso se perde o caminho e a coragem para continuar e, como diz certo refrão carnavalesco e popular *"Disseram que nosso bloco (no caso nosso boletim) não saia, mas nosso bloco (Boletim 61) está na rua com prazer e alegria!"*

O conteúdo deste boletim está diversificado, mais concentrado e volumosamente pequeno em Florianópolis como pode ser observado pelo leitor. É uma realidade alvissareira ver-se várias regiões do *Mosaico Cultural* catarinense com rico e diversificado folclore, possuírem formas mais regionalizadas de publicações e eventos. E, por isso, o que se imprime e o que se divulga acerca do nosso folclore é deveras animador e registrando uma evolução em seus estudos, registros e divulgação, alias os objetivos das Comissões Estaduais de Folclore em todo o Brasil.

Como temos representantes regionais em Blumenau, Canelinha, Itajaí e Criciúma são desses as principais participações neste Boletim.

Esperava-se, e se fica esperando, que para os próximos anos tal aconteça e mais matéria nos sejam remetidas.

Como a Fundação Cultural de Florianópolis, Franklin Cascais esteja numa fase de realizações de importantes eventos folclóricos envolvendo outros Estados e o Exterior, apelamos para que seus setores de imprensa remetam relatórios e registros de seus eventos que os publicaremos com muito agrado e responsabilidade.

Comunicamos que a partir deste número 61 o nosso Boletim não será mais distribuído gratuitamente. Quem o desejar deverá adquiri-lo mediante compra ao preço de vinte reais incluindo o porte postal. Estamos elaborando uma forma de colocá-lo à disposição em página que criaremos na internet.

Agradecemos todas as colaborações e nos comprometemos para maio de 2012 estarmos novamente em circulação com o número 62 com colaborações de artigos e divulgação de eventos que nos remeterem.

Fevereiro de 2011

Professor Nereu do Vale Pereira – Presidente.

Notas do Folclore Nacional

PARLENDAS INFANTIS

Fausto Teixeira

(Extraído do Livro "Estudos de Folclore" e

reedição de matéria do Boletim do ano de 1950)

Muitas vezes visando especificamente passar o tempo, são propostos alguns divertimentos às crianças.

Dos mais comuns são aqueles em que são formuladas determinadas perguntas para as quais já se tem estabelecido as respostas pertinentes.

Os assuntos sempre encerram um espírito de respostas fugidias provocadoras de novas perguntas que, por sua vez, exigirão novas respostas e assim por diante. Uma muito conhecida é a seguinte:

- Cadê o toicinho que estava aqui?
- o Gato comeu.
- Cadê o gato?
- Foi pro mato.
- Cadê o mato?
- Pegou fogo.
- Cadê o fogo?
- A água apagou
- Cadê a água?
- O boi bebeu.
- Cadê o boi?
- Esta amassando trigo
- Cadê o trigo?
- A galinha espalhou
- Cadê a galinha?
- Esta botando ovo
- Cadê o ovo?
- O padre bebeu
- Cadê o padre?
- Está dizendo missa
- Cadê a missa?
- Esta no altar.
- Cadê o altar?
- Esta na igreja.
- Cadê a igreja?
- Ta na rua.(Ou no seu lugar)

Outra parlenda para passar o tempo, que só encontramos em Lavras (Minas gerais), foi a seguinte:

Oh, meu irmão Joãozinho!
O que há?
Me dá um tiçãozinho de fogo?
Para que?
Para assar meu passarinho
Tá gordinho?
Ta com a barriga inchada.
Coitadinho!

TRAVALLINGUAS

São chamadas trava línguas, as parlendas que têm por fim, pôr a pessoa no ridículo ao tentar pronunciar determinadas frases feitas. Dentre as muitas conhecidas, vejamos as seguintes:

- 1- Um ninho de malfagafos, com cinco malfagafinhos;
Quando a malfagava chega os malfagafinhos começam a malfagafar; quem o desmalfagafizar, bom desmalfagafizador será.
- 2- Toco preto, porco crespo.
- 3- A aranha não arranha a jarra; a jarra não arranha a aranha.
- 4- Um tigre, dois tigres, três tigres.
- 5- O peito de Pedro é preto.

Este tipo de parlenda é universal e parece muito mais fácil de ser “Destravado” em nossa língua do que, por exemplo, no alemão, inglês e outras do grupo saxônico.

Folclore doutras terras

FOLCLORE AÇORIANO A RESPEITO DE FEITICEIRAS

Dr. Francisco Carreiro da Costa.

(Boletim de dezembro de 1950)

Na Ilha de São Miguel como em todos os Açores há feiticeiras e há bruxas - as quais são no fundo uma e a mesma coisa embora na crença popular pareçam entes diferentes.

Segundo Frei João Pacheco, “as bruxas são aquelas pessoas que conversam expressamente com o demônio, tomando-o e recebendo-o por senhor, deixando-se assinalar como escravas suas, por que elas lhes põem um sinal,

que o vulgo diz que trazem sempre em dos olhos, figurado à semelhança de uma mão de toupeira; pelo qual se conhecem umas às outras, fazendo muitas delas entre si uma irmandade ou confraria; e se ajuntam em certos tempos, para exercitarem as suas maldades, e cumprirem os seus infernais apetites e deleites, e antes disso se prostam diante do Demônio, tratando-o com todo o acatamento, e respeito e reverência, o qual pela maior parte se lhes manifesta na figura de “Bode”. Por outro lado as feiticeiras derivam em rigor o seu poder de uma arte que lhe é própria, do emprego de formulas, de palavras que obrigam à obediência os espíritos malévolos que só por aí produzem transformações, visões, etc.

Segundo a crença popular açoriana, as feiticeiras tomam no geral a forma humana de mulher e aparecem vestidas de branco, como almas penadas, a altas horas da noite, nos caminhos, nas encruzilhadas, nas matas, nos pinhais, nos fornos, nos quintais, nos tanques, nas fontes e, sobretudo á beira-mar, havendo mesmo lugares que lhe são prediletos pelo que se tornam temidos dos viandantes. Há, porém, os chamados feitiçeiros – homens de virtude que usam curar achaques e doenças de várias ordens com o auxilio de certas orações e fórmulas de frases, compostas à maneira de versos – a que chamam de encantos ou orações.

Disse-se que as feiticeiras deveriam, em rigor, ter o seu poder de uma arte que lhes é própria, no entanto, e por demais notório que o mando provem do Demônio também. Costuma o povo afirmar que há as feiticeiras que só andam e trabalham de noite e as feiticeiras que só atuam durante o dia. As primeiras buscam de preferência os caminhos desertos, as grotas e as ribeiras escondendo-se de por entre as árvores e as fragas para só saírem a terreiro quando algum viajante descuidado vem pelo atalho ou pela estrada de regresso a casa. Atrevidas e amigas de se divertirem, agarram o pobre, dando-lhe uma tremenda sova, rompem-no, e cortam-lhe os cabelos e como se isso não bastasse formam ainda á sua volta uma dança que às vezes dura até madrugada. Noutros casas entretêm-se a fazer correrias loucas por cima dos telhados, pelos quintais e pelos pátios; aqui, revirando telhas; ali, arrancando as couves, as flores e as mais novidades; mais além, depenando as aves das capoeiras; mais adiante rasgando as roupas porventura postas em estendedouro.

Quanto ás que atuam de dia costumam elas ser velhas mulheres sujas e desdentadas, vivendo em pobres casebres, donde se entretêm frequentemente a praticar as suas artes, ou dando uma doença prolongada a uma pessoa ou deitando um mau olhar sobre alguém, ou fazendo adoecer o porco do vizinho. Para tais fins costuma dispor de certos instrumentos e também de muitos ingredientes essenciais aos seus feitiços, como coração de boi preto,

água benta de varias igrejas fêmeas e até - salvo seja - pedaços de hóstia consagrada.

Segundo José de Torres que escreveu no século passado uma nota sobre feiticeiras para o Almanaque do Arquipélago Açoriano para 1868 elas costumam ser termináveis pelas suas malas-artes. “Têm poder quase ilimitável; consultam-se de noite, a desoras (dez horas em nosso linguajar), nos lugares ermos; viajam com a velocidade do pensamento; a invocação por debaixo dos telhados, por cima dos silvados... as leva à Índia aonde vão e d’onde vêm numa só noite; preferem reunir-se nos Ares e as de Rasto de Cão e Vila França do Campo são por isso afamadas! Escondem os feitiços á borda do mar e os padecimentos da pessoa enfeitiçada estão na razão direta do preá-mar ou baixa mar. Manifestam-se ao longe e em luzes dançantes. São remédios contra elas o sino-saimão feito com terebintina no anterior das portas das casas a roupa vestida dos avessos”... e algumas palavras santas acompanhadas de persignação.

Relativamente ao fato de as feiticeiras poderem ir numa só noite a um lugar muito longe, para além dos mares, registrou-nos a propósito alguns casos contados pelo povo, o escritor Maximiliano de Azevedo no seu curioso livro “Histórias da Ilha”. Assim, por exemplo, narra que certa mulher tendo o marido ausente no Brasil desconfiou em dada altura que outra lho roubara. “Para se tirar de duvida - escreve aquele contista - foi ter com uma feiticeira, levando consigo um colete velho que o marido antes de sair da ilha tinha suado muitas vezes no trabalho e que por consequência poderia servir para o bruxedo. AI! quem me dera ver meu marido”, disse ela á feiticeira, quando acabou de lhe explicar-lhe o que padecia. “E eras capaz de ir comigo? - perguntou lhe a velha. - “Pois não! - “Sem te admirares do que vires? - “De nada!” “Pois então vamos vê-lo esta noite. Quando me ouvires dizer “Vamos com os diabos, repete isto mesmo, e verás como te faço a vontade”.

Á meia noite foi bater á porta da velha. Um galo cantou de tal modo que lhe meteu medo. A feiticeira apareceu primeiramente com um lençol que seria o barco em que teriam de atravessar o mar; depois com um pau de vassoura, meio de transporte mais rápido. “Passados instantes, partiram. O pau de vassoura, em que iam, corria por ares e ventos mais que essas estrelas que passam no céu deixando atrás de si um risco de lume”. Chegadas ao lugar onde o marido vivia, a porta do quarto deste abriu-se rapidamente e sem bulha. O ingrato dormia na companhia doutra mulher. Enraivecida a mulher legitima esteve quase a matá-los a ambos, mais depois de pensar apenas se contentou em arrancar uma das mangas ao vestido que a outra, ao deitar-se, tinha posto sobre uma cadeira. Levava assim uma prova contra o marido que

a traíra. Voltaram, a feiticeira e a mulher, como haviam ido. Ao fim de mês e meio o marido chegava a S. Miguel. Ao vê-la tentou abraçá-la, mas ela repe- li-o perguntando-lhe que tinha feito em cuja data precisou.

“- Isto é que se chama. Quem se pode lembrar depois de tanto tempo?”...

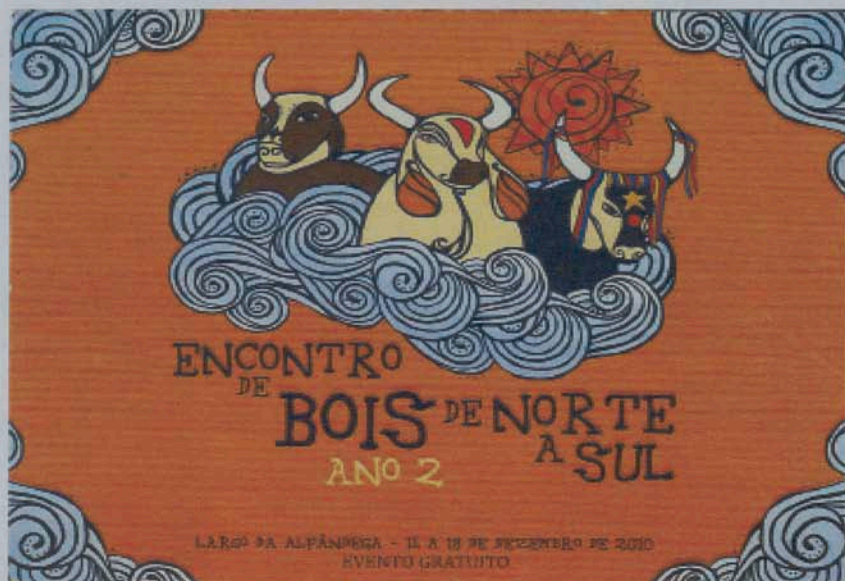
“Lembro-me eu! – e atirou-lhe à cara com a traição que o homem negou a pés juntos. Ela então correu à cômoda tirou para fora a manga, e pondo-a bem á vista do marido, gritou-lhe: “Nega ainda se és capaz, nega ainda se és capaz, nega! Fui lá, vi-te deitado com a brasileira e arranquei esta manga do vestido da ganhôa! “Mas tu tens estado sempre na ilha ...” redargüiu, ele, branco, enfiado, “Sempre menos naquela noite! – “Ai! Que esta mul- her é feiticeira!”, exclamou o homem fugindo espavorido. No primeiro navio embarcou para o Rio de Janeiro e lá morreu pouco depois: de febre disseram os cirurgiões, dos novos feitiços que a mulher a bruxa lhe fizera, para que mais nenhuma o lograsse...” afirmaram os mais que conheceram o caso.

E como este episódio tantos outros que a imaginação popular vezes ma- nifestado nas relações entre as pessoas.

Há varias formas de evitar a ação maléfica das feiticeiras. Uma delas consiste em usar, sobretudo por parte das crianças, as chamadas figas de azeviche ou de marfim. Para que as feiticeiras não chupem os meninos quan- do estes estão dormir é de aconselhar que se ponha debaixo da cabeceira uma tesoura aberta e uns raminhos de arruda e de alecrim. Queimar um par de chinelos velhos e esfregar as palmas das mãos com alho são também manei- ras de afastar as feiticeiras. Trazer um dente de alho numa bolsinha e trincá- lo de vez em quando surte o mesmo efeito. A mostarda lançada à porta de um lugar, onde esteja muita gente, todos poderão sair menos quem for feiticeira.

Nos Açores quando chove e faz sol ao mesmo tempo, dizem que as feiti- ceiras estão a casar-se. Quando elas estão perto de morrer gritam desesper- adamente: - “Quem pega que eu largo? Quem pega que eu largo?” - Refere-se ao mando que o Diabo pôs à sua disposição e que se torna necessário trans- ferir a outra pessoa. Se alguém declara pegar no mando, então a velha feiti- ceira morre sossegadamente, mas se pelo contrário ninguém se atreve a isso, então a moribunda se debate com a mais horrível das agonias. “Donde se in- fere - conclui com espírito o citado José Torres - o número das iniciadas é pre- fixo, permanente e sempre cheio, como os quarenta da academia francesa!”

Registramos neste espaço o **Encontro de Bois Norte a Sul** promovido pela Fundação Cultural de Florianópolis, Franklin Cascaes que se trata de um evento anual e de alcance nacional, sendo de muita riqueza de conteúdo sobre inúmeros folguedos que envolvem a figura de um boi artisticamente concebido :



Promoção da Fundação Cultural de Florianópolis – Franklin Cascaes

PROGRAMAÇÃO

LARGO DA ALFÂNDEGA

14/12 - TERÇA-FEIRA

- 17h: Desfile das personagens do Bêbado-Morreu e da Bui Branda (Porto Velho/RO) pela centro da cidade.

15/12 - QUARTA-FEIRA

- 10h: Abertura Oficial
10h15: Cereal do Centro de Educação e Reabilitação dos Pais e Amigos dos Surdos de Jooazebo/SC e Capinópolis/SC
10h40: Cia Teatral Boa Vista - São João, Barro Preto
19h20: Bui Branda - Porto Velho/RO
20h15: Bando-Mundo da FECE - Maua Verde - Flaculândia/SC
20h50: Bui-de-Mundo de Pontal - Florianópolis/SC
21h35: Bando-Mundo Pêlo do Lixo - São José/PA

16/12 - QUINTA-FEIRA

- 11h: Bando-Mundo Cui da Lixa - São José/PA
12h: Bui Pintadinho - Santo Antônio de Pádua/RJ
13h: Bui-de-Mundo da Costa da Lagoa (Lagoa) - Florianópolis/SC
13h50: Bui-de-Mundo Arreda Bui - Barra da Lagoa - Florianópolis/SC
15h: Bui-de-Mundo Pêlo do Lixo - Florianópolis/SC
16h: Bui-de-Mundo da Costa de Dentro (Inbetê) - Florianópolis/SC
17h: Bui-de-Mundo Pêlo do Lixo - Porto João/PR
18h: Bui-de-Mundo do Tracurulo - Florianópolis/SC
19h: Bui-de-Mundo São José da Terra Firme - São José/SC
20h: Bui-de-Mundo Pêlo do Lixo - Vargem Grande - Florianópolis/SC
21h: Bui Branda - Porto Velho/RO

17/12 - SEXTA-FEIRA

- 12h: Bui-de-Mundo Experiça - Lagoa da Conceição - Florianópolis/SC
12h50: Bui-de-Mundo da Escola Municipal Ribeiro Meira Jaraguá do Sul/SC
13h20: Bui-de-Mundo Pêlo do Lixo - Florianópolis/SC
14h30: Bui-de-Mundo Yem Ci meu Bui - do Muro da Cui - Florianópolis/SC
15h10: Bui Pintadinho - Santo Antônio de Pádua/RJ
16h05: Bui-de-Mundo da Armada do Pintado do Sul - Florianópolis/SC
16h30: Lançamento da Lixa e Bui-de-Mundo - Telegêdo (Museu da Bui-de-Mundo da Cui) - (curator: Nereia da Voz Pereira) - Lixa e Bui-de-Mundo Pêlo do Lixo (Lagoa da Conceição)
17h: Bui Branda - Porto Velho/RO
18h: Bui-de-Mundo Maua - Governador Celso Ramos/SC
19h: Bui-de-Mundo de Jorê - Florianópolis/SC
20h: Bando-Mundo Pêlo do Lixo - São José/PA

18/12 - SÁBADO

- 12h: Bui-de-Mundo Lixa da Barra - Palmital/PA
13h: Bui-de-Mundo da Escola Municipal Ribeiro Meira Jaraguá do Sul/SC
14h: Bui-de-Mundo da Cui - Florianópolis/SC
14h: Concentração para o desfile na Praça Fernando Machado
14h30: Desfile dos grupos Bui-de-Mundo pela rua central da cidade
15h: Bui-de-Mundo da Cui - Florianópolis/SC
16h: Bui Pintadinho - Santo Antônio de Pádua/RJ
17h: Bui Branda - Porto Velho/RO

LARGO DA ALFÂNDEGA



AGENDA ESPECIAL

15/12 - QUARTA-FEIRA	
17h30	Intervenção pelas ruas centrais da cidade - Bumba-meu-Boi - Encruzilhada do Sul/RS
16/12 - QUINTA-FEIRA	
10h	Boi-de-Mamão do Porto da Lagoa (Itaúna) Florianópolis/SC Local: AVM da Ilha de Bomme - Florianópolis/SC Canto da AVM (conhecido como boi-verde) - qualidade cultural
15h	Intervenção pelas ruas centrais da cidade Bumba-meu-Boi - Encruzilhada do Sul/RS
11h30	Boi-de-Mamão Alevisso Mesa Boi (Itaúna) Ingleses - Florianópolis/SC Local: Hospital Federal - Jureia de Guadalupe - Agrovila
17/12 - SEXTA-FEIRA	
09h às 11h	Mesa redonda: Vozes para Bumba Dormir: A litorralidade e as brincadeiras das ilhas Palestrante: Vagner Brito (FEAP/UNIC) - Local: Casa do Morador - FOTC - Ilha de Santa Catarina/SC Exibição: Rua Pedro Magalhães, 50 - Centro
11h às 12h	Oficina: O tipo do tipo Tema de discussão: O tipo do tipo Palestrante: Vagner Brito (FEAP/UNIC) - Local: Casa do Morador - FOTC - Ilha de Santa Catarina/SC Exibição: Rua Pedro Magalhães, 50 - Centro
11h	Intervenção pelas ruas centrais da cidade Bumba-meu-Boi - Encruzilhada do Sul/RS
18/12 - SÁBADO	
17h	Boi Bumbá - Porto Velho/RO Arrastão pelo centro da cidade - Encruzilhada
22h	Bumba-meu-Boi da Ilha - São João/MA Local: Praça da Liberdade - Ilha de Santa Catarina

Lançamento de Livro sobre o Boi de Mamão

No dia 17 de dezembro de 2010, durante o Encontro de Bois de Norte a Sul, um grande evento folclórico cujo centro se converge para referências ao boi (Gado vacuum macho ou touro, representado por figuras especialmente concebidas – bois falsos) foi realizado o lançamento do livro O BOI-DE-MAMÃO – Folguedo Folclórico da Ilha de Santa Catarina. Escrito pelo Professor Nereu do Vale Pereira, grande estudioso da cultura açoriana e catarinense.

A Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes,
o Núcleo de Estudos Açorianos – NEA/UFSC, a Comissão Catarinense de Folclore,
e Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a Academia Desterrentine de Letras
convidam para o lançamento do livro

O Boi de Mamão

Folguedo Folclórico da Ilha de Santa Catarina

de Nereu do Vale Pereira

Data: 17 de Dezembro de 2010 às 16:30 horas

Local: Largo da Alfândega
Centro – Florianópolis

com apresentação do Grupo Boi de Mamão



Este livro registra resultados de longas pesquisas sobre sua origem e formas que se supunha açoriana, mas que os registros mostraram ser ele de origem ibérica, especialmente Espanha.

Além de fazer uma abordagem comparativa entre outras formas brasileiras, especialmente os folguedos nordestinos – Boi Bumbá, Bumba Meu Boi e outras, oferece as maneiras práticas de se organizar um grupo de Boi de Mamão publicando formas construtivas das diversas figuras e personagens e acrescentando letras e partituras de algumas das melodias recolhidas.

A respeito da qualidade do trabalho assim se pronunciou o Presidente da Comissão Fluminense de Folclore Professor Affonso Maria Furtado Filho... *“Estimado Nereu: Tenho ligado para seu telefone (48) 3222-4573, no sentido de agradecê-lo, pessoalmente e de viva voz, pelo envio do excelente trabalho sobre o Boi de Mamão. Como sabe, estou em concordância com sua tese acerca da origem ibérica. Afinal, são muitas décadas que o prezado amigo acompanha e registra essa tradição popular. Contudo, permaneço, ainda, com algumas dúvidas, não sobre a origem, mas pontos ligados a determinados aspectos do Boi de Mamão, como a presença da “Bernunça”. Quando estive em pesquisa na Galícia (2009/2010) constatei a presença do “DRAGÃO, TARASCA, SERPENTE”, etc, nas Festas do Boi, que acontecem no dia de Corpus Christi. Nossos colegas folcloristas nordestinos acham que o JARAGUÁ, de certo modo, se identifica com estas figuras. Outro ponto importante, foi excluir o Boi de Mamão do ciclo natalino, e colocá-lo no do Carnaval. Espero que continue brindando à cultura popular com pesquisas deste nível. Abração saudosos. Affonso Furtado”*

De Lisboa o Ministro da Suprema Corte de Portugal Doutor José Brinquinho de Oliveira ao tomar conhecimento do livro anotou: (Vejam alguns trechos da carta):

Lisboa, 28.1.2011 (Obs. O manuscrito do autor é de difícil leitura e, por isso, a transcrição poderá conter equívocos).

Meu Caríssimo Amigo Nereu,

Um grande abraço nosso, e de Maria Rosa.....

Bem haja também pela magnífica memória que é a tua na obra “ O Boi de Mamão...” Leio-a já toda e delícia-me!

Que beleza perfeita no folgado e com que maestria e amor a registras nas páginas deste livro que merecia o apoio cuja recusa registras!

Com eles não se brinda as formosas quadras finais na presença da Maricota: “Olha lá mestre Vaqueiro,

Eu fico muito obrigado.

Prometemos aqui voltar

Mais tarde noutra oportunidade ”

“As moças já foram embora,

Acabou-se a alegria

Agora fica com o gaiteiro,

Junto sua cantoria”!

A açorianidade que marca também Santa Catarina e se espelha na tua vasta obra de que por tua generosidade, também eu ao longo dos anos de nossa amizade me sinto muito enriquecido. A açorianidade também ela me encanta, pois, pelos Açores iniciei a minha atividade jurídica na Ilha de São Jorge. Ali Voltei. Na Ilha do Faial fizemos muitas amizades seguras e com grande estofo moral e lá, já depois de jubilado, voltamos com alegria.

O teu trabalho tem demonstrado o contributo dos açorianos para a história de Santa Catarina desde longínquos anos do século XVIII da imigração provocada pelas erupções e vulcanismos. Adaptar, não tem amostra como dos açorianos na bravura e se utilizando, como vemos, muito mais, que encontro na quadra do cancionero popular da Ilha de São Jorge: “Diga-me o senhor piloto

Se do mar salta lição

Diga-me do norte ao sul

Quantas léguas do mar vão.”

O comentado livro pode ser solicitado pelo endereço da Comissão Catarinense de Folclore ou pelo e-mail nereuwp@gmail.com. Preço de R\$ 40,00 incluindo porte e pagamento mediante depósito na conta Caixa Federal 104, agência 1078, conta corrente 1636-1.



ACERCA DA ORIGEM DA BERNUNÇA

Prof. Nereu do Vale Pereira.

A bernunça é uma figura integrante do *auto popular* do Boi de Mamão cuja origem e significado têm merecido vários contributos que agora merecem ser por nós complementados e enriquecidos com informes importantes que nos foram fornecidos por inteligentes e diligentes pesquisas levadas a efeito pelo Presidente da Comissão Fluminense de Folclore, com sede na Cidade do Rio de Janeiro, o folclorista Affonso Maria Furtado Silva. Esse folclorista em viagem pela Galícia, Espanha, encontrou alguns registros importantes sobre o *dragão demoníaco* ou *bicho papão que engole crianças* e sabedor de nossa busca da origem sobre a nossa bernunça passou-me farto material bibliográfico acerca desse monstro lá denominado popularmente de COCA, ou bicho papão que é conhecido no Festival do Boi de Allaris, e em outras festas religiosas principalmente em Corpus Christi. Assim, temos a apresentar novas linhas de leitura sobre essa estranha figura presente no folguedo do Boi de Mamão. Lancei em 17 de dezembro deste ano, o livro “O Boi de Mamão – Folguedo Folclórico da Ilha de Santa Catarina - Uma Introdução ao Seu Estudo, onde o tema estará mais aprofundadamente apresentado. No momento registramos e agradecemos a contribuição do folclorista Affonso Furtado da Silva.

De início deve ser registrado que o nome desta figura aparece no dizer popular com outros designativos como bernúncia, bernúncio, bernunço,

coca (nome este que apenas se ouviu falar, mas, que remete às fontes galegas que recebemos recentemente) e jacaré.

Mas o que é a bernunça? Qual a sua origem? Qual o seu simbolismo? E o porquê de sua inclusão na dança do boi de mamão?

Por tradição oral algumas comunidades decidiram espontaneamente acrescentar várias figuras, na dança do Boi de Mamão e em todas elas guardando alguma satirização ou representando algo relativo ao imaginário e pedagógico. Alias, geralmente todos os folguedos exercem funções educativas, isto é, chamam a atenção e amostra de práticas e costumes para um bom viver social e em comunidade.

Aqui neste espaço consideramos a origem e descrição da bernunça. Ela é uma figuração do imaginário bicho papão e, no povo brasileiro, é somente aqui em Santa Catarina que ela aparece. Criança que não se comporta segundo as matrizes comportamentais em uso na comunidade, podem ser comidas, ou engolidas com o Jonas na Bíblia, pelo bicho papão, dizem as mães às suas crianças! Convém lembrar a mais moderna narrativa de Pinóquio, o mentiroso e desobediente que vai ser engolido por uma baleia. Ou o bicho papão?

Segundo o folclorista Álvaro Tolentino de Souza, aliás, o primeiro pesquisador ilhéu a tratar de apresentar uma explicação sobre a bernunça, em artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina em 1923, essa figura teria surgido no Município de São José.

Nos dicionários brasileiros é um verbete inexistente enquanto no popular se verifica o emprego de várias formas gráficas como as inicialmente apresentadas.

Ao chamar o bicho para o salão o cantador, ou chamador, canta o refrão de animação, dizendo: “Olê, olê, olê, olá, arreda do caminho que a bernunça quer passa”. Merece referência que o animal recebe a característica de um sexo feminino quando o bicho papão nos remete ao masculino. Como explicar tal diferenciação?

A Comissão Catarinense de Folclore já inseriu, em seu Boletim de circulação anual inúmeros artigos acerca dessa grotesca figura demoníaca denominada de bernunça e tem origem numa figuração do demônio e que ataca as crianças ainda não batizadas. Destarte a proteção só viria com a celebração do batismo segundo o rito católico. É no batismo que o bicho papão é expulso e colocado bem longe das crianças.

É no momento, dentro da liturgia da administração do Sacramento do Batismo, momento que foi conhecido como a prece do exorcismo, hoje o da afirmação da fé no Cristo e na Igreja, que se renuncia a Satanás, que o batizando

fica livre dos perigos do bicho papão. Nas orações, o celebrante, no tempo o latim era a língua universal da Igreja Católica, durante o exorcismo, os padrinhos, representando o batizando, eram chamados a renunciar satanás. Ao ser feita a pergunta ao batizando, se, por meio dos padrinhos, assumia o compromisso de renunciar o demônio e suas obras, o celebrante pergunta em latim: *abrenuntia satana?* A qual os padrinhos respondiam: *abrenuntio*. E, assim, era feito para todos os demais questionamentos e com essa mesma resposta. Para o homem comum surgiu uma ligação do verbo *abrenunciar* com a expulsão do demo, os espíritos do mal e do bicho papão, que, assim, estaria sendo denominado de *bernúncio*, e não *bernunça* como acabou se consolidando.

Destas duas vertentes *demo* e *bicho papão*, que engole as crianças, derivou-se nossa pesquisa buscando encontrar a origem da figura da *bernunça*.

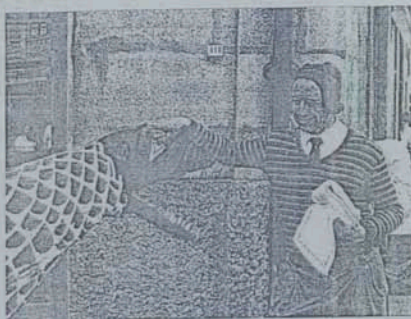
Como centramos nossas pesquisas sobre os folguedos e práticas populares e devocionais na Península Ibérica, foi lá que encontramos as origens do *Boi de Mamão Catarinense*, e com as contribuições de muitos pesquisadores foi lá, também, que detectamos que teria ocorrido a origem dessa figura fantasmagórica e folclórica da *bernunça*.

Desde início século XIII, na região da Galícia espanhola, (no dialeto galego, Galiza) localidade na hoje cidade de Allaris, em algumas festas católicas quando ocorriam inúmeras práticas populares e procissões (especialmente a do Corpo de Deus), fora dos recintos das Igrejas, além de muitas figuras de touros falsos ou mesmo ao natural para alegria do povo, aparecia a desfilar e a atemorizar los chicos, a COCA. Seria a figura de um monstro, um dragão ou crocodilo, representando o *demo* e que, por isso comia crianças. Que espetacular descoberta!

A boca, a estrutura, a demonstração no engolir um *neno* (pequeno ou menino no dialeto galego), muito embora como aqui, também, ocorre que esses não têm mais medo do bicho papão.

Apoiando esta informação, reproduzimos em seqüência referências extraídas de uma obra que discorre, na Galiza, sobre o assunto e, vejam, pela gravura comentada (infelizmente não se tem registros fotográficos ou pictóricos com melhor definição), que se trata mesmo da nossa *bernunça*.

raigame



A COCA E O MITO DO DRAGÓN

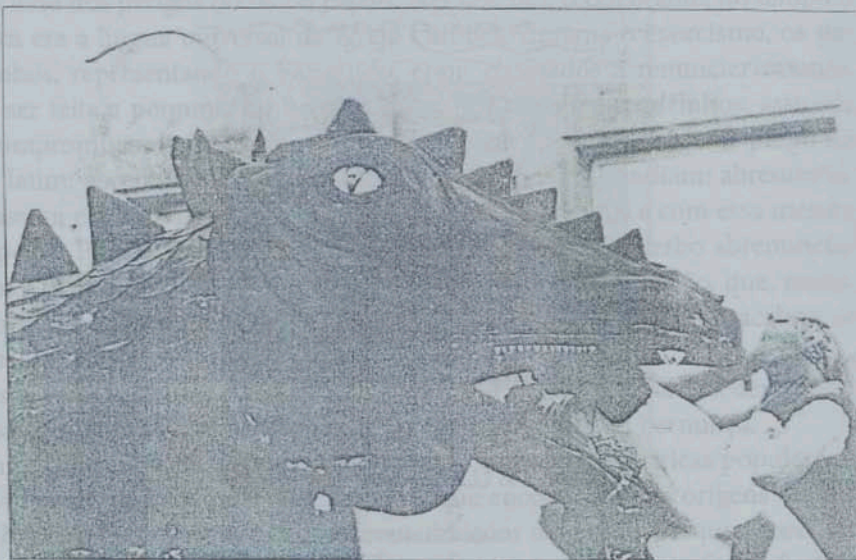
Clodio González Pérez



1998

A Coca, esa figura procesional con forma de dragón, é a representación do Demo na procesión do Corpus. Un símbolo que durante séculos se mantivo en case todas as procesións e que hoxe está vixente en vilas como Betanzos, Redondela ou Monçao. Este é un estudio amplo sobre a súa tradición milenaria.





Xa non mete medo a ninguén. Nin ós nenos.
Tradução: JÁ NÃO METE MEDO A NINGUEM. NEM AOS PEQUENINOS.

Esta figura (infelizmente, a partir de um original muito antigo, fica prejudicada a qualidade dos detalhes de imagem), é a que se denomina de COCA, na Galícia (gentílico galego) região que tem território ao sudoeste da Espanha e norte de Portugal, onde se fala o idioma galego, língua diferente tanto do português quanto do espanhol.

Ela representa o bicho papão, ou dragão demoníaco que engole as crianças desobedientes. Ela é o espírito do mal ou mau, o bicho papão que, para o povo leigo e pouco letrado, é exorcizado no batismo.

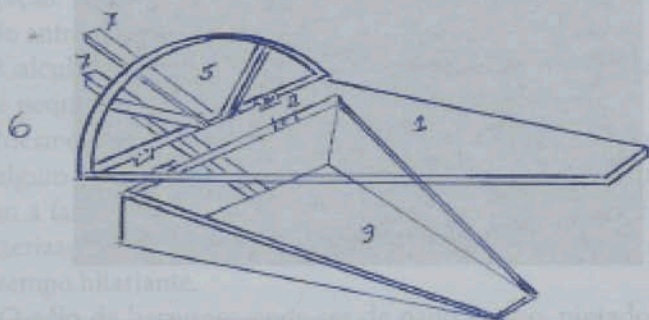
No caso da Cidade de Allaris, na Galícia, Espanha, onde fomos buscar estas origens, ela aparece na procissão de Corpus Christi e em alguns folguedos que envolvem touros ou festas similares. É uma manifestação popular que existe desde o início do século XIII. Essa é a provável origem da bernunça (abrenuntio, no batismo) dentro do nosso folguedo folclórico denominado primeiramente como boi de pano, boi falso e mais recentemente, já no século XX, Boi de Mamão ou simplesmente a brincadeira do boi de mamão.

Essa aplicação vem ocorrendo singularmente em Santa Catarina e principalmente em nossa Ilha da Magia.

Essa aplicação vem ocorrendo singularmente em Santa Catarina e principalmente em nossa Ilha da Magia.

Bem, veremos agora as instruções para a construção da boca da ber-nunça vez que o seu corpo em forma de serpente para comportar dois ou três homens por baixo nada tem de especial, basta olhar as fotos logo a seguir estampadas.

A seguir alguns detalhes da sua construção e algumas fotos da ber-nunça.



A criatividade e a qualidade coreográfica do bicho papão estão na confecção da cabeça, tamanho da boca para engolir um rapaz, e uma dentadura forte e atemorizadora.



Vejam no croqui retro apresentado com algumas orientações para confeccionar a boca da bernunça que há uma série de números e esse serão utilizados como referencial.

1-Essa armação da mandíbula da bernunça é construída com sarrafos bem resistentes vez que essa boca deve bater forte para impressionismo e atemorização. Sua complementação poderá ser de pano ou de papel machê tendo-se o cuidado para preparar uma dentadura bem exposta. É necessário colocar-se uma língua bem vermelha e grande, oferecendo uma aparência feroz.

2 - Para se articular as duas mandíbulas as duas partes são acopladas por meio de dobradiças facilitando ao operador, ou dançador, ir abrindo-a e fechando-a. Ao se complementar a cobertura da cabeça é possível colocar olhos de vidro ou até iluminados por pilhas e que possam faiscar durante sua apresentação. Alguns criativos colocam uma forma de lançar fumaça pela narina do animal e isso de forma muito interessante e belo.

3 - Calcular o tamanho da bernunça de modo a que possa engolir um rapaz de pequena idade quando se programa que a bernunça vá parir um filhote. Mesmo também que não haja a parição, no dançar a bernunça deve engolir algum moleque. Se for para parir, desde o começo da dança já se leva por baixo a fantasia para ser vestida nos jovens a serem engolidos e depois de caracterizados dentro do bicho vão ser paridos. É uma cena atraente e ao mesmo tempo hilariante.

4 - O pêlo da bernunça pode ser de pano grosso, pintado, alongado a gosto e dimensionado se vai dançar com quatro ou seis rapazes em baixo dele. O primeiro é o mais importante, pois, vai operar a boca e traçar todas as coreografias. O último fica junto a cola para abalançá-la fazendo isto com as duas mãos embutidas na cola do bicho.

5 - Esta abertura deve comportar a cabeça do dançador, pois, será através dela que ele terá visão externa e realizar as devidas ações. Ele comandará a operação de engolir alguém.

6 - A continuidade é do corpo alongado como uma serpente do mal, e não pode ser transparente para esconder os dançadores. Recomenda-se que os dançadores devam estar com calçados e calças iguais e combinado com as cores do bicho.

7 - Esse serão os dois pinos para que o dançador principal os segure para manejar com a boca e a cabeça e, portanto deve ser de forte estrutura.

OLHA A BERNUNÇA

Artigo do saudoso Antônio Nóbrega Fontes



ANTONIO AUGUSTO NÓBREGA FONTES - Nasceu em São Francisco do Sul/SC, a 26 de dezembro de 1923, vindo para Itajaí com quatro anos de idade. Fez os primeiros estudos no colégio São José com as irmãs da Divina Providencia, cursando depois o ginásio no Colégio Catarinense, em Florianópolis. No Rio de Janeiro, onde residiu por 15 anos e foi funcionário do Banco do Brasil, fez da divulgação das coisas de Santa Catarina o campo preferido de suas atividades intelectuais. Divulgou o folclore catarinense em programas de rádio e televisão, sendo o primeiro a organizar no Rio de Janeiro exposições e vitrines com cerâmica popular e rendas de Santa Catarina como delegado do Centro catarinense, de cuja Diretoria faz parte, participou do III congresso Nacional de Folclore na Bahia, 1957 e foi delegado do Brasil ao I "Festival Panamericano de Folclore na Colômbia. Colaborou na organização da exposição "Aspectos Catarinenses no Século XIX feita pela biblioteca Nacional para a semana de Santa Catarina, elaborou o plano para o Iº Festival Catarinense de Folclore. Como Diretor do Grupo de Estudos Folclóricos da associação Atlética do Banco do Brasil, manteve uma seção permanente sobre folclore na revista "AABB". Falecido em 1988 na cidade de Itajaí, e foi o criador da Casa dos Açores, Museu etnográfico de São Miguel - Biguaçu- SC.

O presente artigo é uma homenagem ao ilustre folclorista catarinense Antonio Nóbrega Fontes. O seu conteúdo foi publicado na revista de AABB de Santa Catarina no ano de 1961.

Olha a Bernúncia

Lá por volta de 1930, lembro-me de ter visto pela primeira vez o “boi-de-mamão”. Tinha meus seis para sete anos e da janela da casa de minha avó, á Rua Pedro Ferreira, vi o boi, a cabrinha, o médico, a viúva, os tocadores, os cantadores, era um boi que vinha da Fazenda, pois até hoje sou capaz de Cantar o estribilho do Pau de Fitas, que era assim:

Rolou, rolou
Rolou que não saía
Pau de fitas da Fazenda
Na rua com alegria !

O Pau de Fitas se apresentava depois do “boi de mamão” e como para desmentir o boato de que não saíram naquele ano, estavam eles a cantar “na rua com alegria”.

Pequena multidão acompanhava o boi e se nos estávamos na Janela era mais por medo da bernúncia que por sermos tão pequenos ainda. Durante o ano a bernúncia era o “bicho papão” com que nos amedrontavam: “Olha a bernúncia”! Não vai lá menino, que tem bernúncia”. E agora, diante dos nossos olhos arregalados lá estava ela, enorme, escura, rastejante, disforme, com uma bocarra sem fim, procurando um menino levado para engolir.

Não houve que não a respeitasse no mesmo tempo que era quase como uma glória dizer alguém que já tinha sido engolido por uma bernúncia.

Afinal, que bicho era a bernúncia? Como um dragão, mas, sem rabo; como um hipopótamo, mas sem as pernas; como um jacaré, mas só a cabeça!

Mais tarde encontraríamos explicações, dadas pelos estudiosos. Suas explicações tiraram o encanto da coisa, é verdade, mas a verdade é que nós também já não tínhamos mais medo da bernúncia! Como bem desconfiávamos, a bernúncia não existia! Seu nome? Era corruptela do latim. Quando no Batismo o padre pergunta, geralmente em meio á gritaria do afilhado “ABRENUNTIAS SÁTANE?” Era padrinho que respondia “ABRENUNTIO”, o que equivalia a “RENUNCIA A SATANÁS”?

- “RENUNCIO” Ora, aquele “Abrenuntias” tão perto de “Satanás” levou a gente simples a pensar que ambas as palavras eram a mesma coisa e se havia um bicho que não era nem jacaré, nem dragão, nem hipopótamo, sendo todos os três ao mesmo tempo, então só podia ser a bernúncia o próprio Satanás”.

Há “boi de mamão” em todo o Brasil: com diversas designações, mas sempre e o mesmo folguedo. A bernúncia, porém, só existe no “boi de mamão” de Santa Catarina. E para a alegria nossa ela é itajainense. Sim, foi em Itajaí que surgiu a primeira bernúncia e ficou definitivamente incorporada ao folguedo de todo o litoral Barriga Verde.

Quem disto nos dá conta é o professor Álvaro Tolentino de Souza. Conta ele que em 1923, num ‘boi de mamão’ feito em São José, apresentou-se a bernúncia pela primeira vez, naqueles lados. Fora trazido pelo preto Felipe Roque de Almeida dos sertões de Itajaí. Felipe, o introdutor da novidade, contou então que o “inventor” do bicho era Antonio (ele não lembrava o sobrenome) um empregado da linha Telegráfica, natural de Itajaí. Este Antonio é que armara a primeira cabeça, grande boca articulada, dentes enormes, ameaçadores e barulhento, quando manobrados com habilidade. Depois veio o corpo, escuro, disforme, capaz de conter duas pessoas e por isso mesmo permitindo as mais variadas contorções. Metidos na primeira bernúncia, Antonio e um companheiro juntaram-se a um “boi de mamão” e foi o povo quem batizou o monstro, ao gritar – “Olha a bernúncia, olha a bernúncia”!

Até hoje, grandes e pequenos, nos distraímos com ela e, maravilhados, como que voltamos a infância, ao recordar seus versos ingênuos:

Olé, olé

Olé, olé, olá,

Arreda do caminho que a
bernúncia qué passá”

Arreda, arreda,

Se não ela te come,

arreda do caminho

que a bernúncia ta com fome!

A Produção da Representação da Comissão Catarinense de Folclore no Município de Canelinha (51km de Fpolis)

Nossa Associada Márcia Reis Bittencourt, correspondente do Município de Canelinha/SC, coordenou um concurso literário nacional de trabalhos em prosa e verso sobre o município, de cujos vitoriosos, todos os trabalhos nos remetem a enquadramentos folclóricos e, por isso, julgou a redação incluí-los para conhecimento de sua riqueza e deleite dos leitores que a estes tiverem acesso. Registramos os cumprimentos a todos os escritores e folcloristas de Canelinha.

RESULTADO DO II CONCURSO NACIONAL DE POESIA, CRÔNICA E CONTO DA CIDADE DE CANELINHA “CANELINHA, PRAZER EM CONHECER”

POESIA

Primeiro lugar:

“CANELINHA, PRAZER EM CONHECER”

- Canelinha? Muito prazer!
- Oh, prazer em recebê-lo.
- Ouvi falar deste solo,
Como venho de outro pólo,
Decidi-me a conhecê-lo...
- Fez muito bem em ter vindo.
Este é o Vale do Rio Tijucas,
Canelinha é mesmo aqui.

- Por que a chamam Canelinha?
- Eis a história que é antiga:
Quem navegava pelo rio
Sabia que nele tinha
Uma árvore caída.

Um sempre imenso perigo,
Um grande risco para a vida,
Para todo barco ou barquinha.
Havia, então, uma senha
Entre os barqueiros do rio:
- Cuidado com a canelinha!

O nome nunca mais sumiu,
Porém, esta mesma senha
Levava muitos barqueiros
A pensar em fazer do tronco
Um grande monte de lenha
Para os usos costumeiros.

Um povo um tanto bronco
Por estes lados vivia
Em pura e santa harmonia
Com a bela natureza.

Nesta era de incerteza,
Outros povos, outras gentes
De linguajares diferentes
Aqui fizeram pousada.

Vieram os portugueses
(Já lá vão duzentos anos).
Trouxeram ancinho e enxada,
Tangeram muares e reses.

Mais tarde, os italianos
Juntaram esforços e suor
Por um escopo maior:
O progresso da cidade.

Verdes prados, verdes montes,
Largos e azuis horizontes
Tenho eu, de Canelinha,
Bela visão panorâmica...

- Sabe como é conhecido
Este lugar Canelinha,
Por tantos apetecido?
"A terra das cerâmicas".

Temos circuitos de motos,
Rampas de vôo livre,
No Morro do Rolador,
E Noite de Etnias.

Fazemos sinceros votos
De uma estada de sucesso,
Recheada de alegrias,
Pois descanso é, sem favor,
Remédio que não tem preço.

- E em termos de culinária
Que temos para degustar?
- Há boa gastronomia,
Cozinha extraordinária
De mãos hábeis para agradar:
Churrascos, risotos, massas
A qualquer hora do dia
E vinho servido em taças.

- Surpreendeu-me Canelinha,
Penso em vir novamente.
- Espero que sim. Convinha
Que na próxima visita
Conhecesse mais ainda

Os traços da nossa gente,
Hospitaleira e bonita,
Nobre orgulho, orgulho ingente!
Desta terra sempre linda!

Alfredo Nogueiras Ferreira – Agrônômica – Florianópolis – SC

Segundo lugar:

CANELINHA, CIDADE AMADA.

Canelinha é uma cidade
Calma e pequeninha.
Podemos avistar do Morro
Uma bela igrejinha!

Aqui é nossa cidade
E sempre vai ser.
Dela a gente se orgulha,
Estamos vendo-a crescer.

Temos causos e fatos,
Histórias e brincadeiras,
Contadas, antigamente,
Perto da fogueira.

Era cidade de roça,
Canaviais e plantações.
Hoje, a tecnologia
Está adentrando suas regiões.

Temos pontos turísticos
Para dar e vender.
Se você ainda não a conhece,
Venha, então conhecer.

Amália Gomes Laus Leal – Canelinha – SC

Terceiro lugar:

CANELINHA

Bela sina
De belas faces
Arte
Parte do
Meu core
Cinna
Mon te de boas coisas
Céu
Água
Terra
Ela
Tão bela
É minha Canelinha
Com doce
Prazer
De conhecer
Pessoas
Em Sina
De ser
Simplesmente
CINNAMON
Vem!
Cá nela
Vem conhecer Canelinha!

Cristiane Stancovik – Capivari de Baixo – SC

CRÔNICAS

Primeiro lugar:

ROSALEIA

E aconteceu em Canelinha, naquela distante e bela primavera. Ainda hoje, tantos os anos passados, busco uma explicação. Não encontro. Talvez o leitor tenha e me escreva.

Lá estava eu em visita à minha prima, então morando na zona rural, numa pequena chácara. Tendo nascido e morado sempre numa grande cidade de clima muito quente, ali tudo me atraía: as flores, as árvores frutíferas, o jeito dos habitantes do campo e da cidade, tão confiantes, tão sinceros. Eu ficava surpreendida com aquelas janelas sem venezianas, só vidraças, a despreocupação com trancas nas portas, com a tranquilidade com que conduziam suas vidas. E me encantava com macieiras e pessegueiros floridos, a branca florada das ameixeiras que eu nunca tinha visto ao vivo. C a m i n - h a n d o pela estrada, via casas com suas brancas cortininhas rendadas nas janelas, gerânios pendentes, telhados típicos da paisagem européia, tudo tão diferente do que eu sempre tinha visto. E mais me encantava!

A moça Rosaleia, moradora da propriedade mais próxima de minha prima, era com quem mais eu gostava de conversar. Apesar do modo como era chamada, “a moça Rosaleia”, era idosa, nunca se casara, morava ali sozinha, mas sempre visitada pelos irmãos. Cultivava uma pequena horta e um jardinzinho onde se destacavam as azaléias cor-de-rosa, naquela época, em plena floração, o que atraía pássaros e insetos. Generosa, simples e afável, com muitas histórias para contar, nos torna logo amigas. Já sem forças para ir à missa na cidade, Rosaleia fizera das azaléias seu altar: ali orava. Quando a vi assim pela primeira vez, ajoelhada e contrita entre as flores, me pareceu que cânticos se elevavam, que Rosaleia, casta e bondosa era também uma flor do Senhor.

Naquela manhã, não fui caminhar pela estrada. Garoava. Fui visitar a amiga e... Não podia acreditar no que meus olhos viam, mas meu coração não aceitava: morta entre as flores, ali estava Rosaleia. Folhas e flores mortas, todas murchas. Um silêncio de morte. Pássaro nenhum cantava. Inseto nenhum pairava. Garoava tristemente... A natureza silenciosa e quieta pranteava a morte de Rosaleia.

Maria Aparecida S. Coquemala – Itararé – SP

Segundo lugar:

FALANDO UM POUQUINHO DOS PONTOS TURÍSTICOS DE CANELINHA.

Canelinha é conhecida como a “Terra das Cerâmicas”, pois existem centenas de pequenas olarias ou fábricas de tijolos, telhas e pisos. Há também vasos e objetos decorativos, produzidos artesanalmente e vendidos em todo o país.

O Morro do Rolador, também conhecido como o Morro da Asa-Delta é famoso por ter uma das melhores rampas para o vôo livre. Lá do alto é possível ver toda a cidade Canelinha.

Temos ainda o Motódromo, onde o Campeonato de MotoCross é realizado todo ano e, esporadicamente, etapas do Campeonato Mundial, eventos que reúnem até 35 mil pessoas, entre brasileiros e estrangeiros.

O CTG “Fazenda Silva Neto”, no bairro do Moura, palco de competições próprias das tradições gauchescas, tem seu destaque no cenário turístico da cidade.

Clélia Oliveira de Souza – Tijucas – SC

Terceiro lugar:

CANELINHA, CIDADE DAS CERÂMICAS

Oh, lugarzinho com tanta mata, cachoeiras, morros, um ponto de onde dá para ver a cidade, sentir aquele ar puro, o céu azul, muito frio na espinha. É o nosso Morro da Pipa ou da Asa-Delta! Praticam-se também, em Canelinha, muitos esportes radicais. Entre eles o MotoCross, que acontece há mais de trinta anos.

O bairro da Índia tornou-se referência em artesanato de argila, produzido por um grande número de oleiros que, em suas oficinas produzem todo tipo de cerâmica decorativa.

Há quatro anos foi criado o Grupo de Poetas e Escritores “Sol Nascente” que já revelou poetas e escritores até então anônimos.

Do alto do Morro do Cemitério a Igreja de Santa Ana, já centenária, abençoa a cidade que desperta para o progresso.

Da civilização açoriana, herdamos a cultura dos Ternos de Reis, sendo que um destes grupos é coordenado pelo senhor Delegado de Polícia, Sérgio Cipriani. O Grupo Folclórico do senhor Luiz Reis também merece destaque.

Na música, a dupla sertaneja Adriano e Marcionei ficou conhecida nacionalmente ao se apresentar num programa televisivo da capital paulista.

Esta cidade linda, com defeitos, mas também com qualidades, estará para sempre no meu coração.

Samara Voitena – Tijucas – SC

CONTOS

Primeiro lugar:

AS VOZES DO MEU JARDIM.

- Como foi o passeio a Canelinha, Helena?

- Surpreendente, eu diria, Alfredo.

- Surpreendente? Pois me conte. Como é a cidade?

- Simpática, acolhedora, muito conhecida pelos campeonatos internacionais de MotoCross e de Vôo Livre. Em julho, realiza-se a Festa de Santa Ana, a padroeira e a Festa do Colono, homenagem especial aos descendentes de italianos e açorianos, numerosos entre seus primeiros habitantes. Na economia, destaca-se a indústria de cerâmica vermelha e confecção em malhas...

- Mas, o que tanto a surpreendeu?

- Bem, você sabe, fui visitar uma irmã, recém- transferida para a cidade. Juntas, fomos a uma propriedade rural comprar vinho de fabricação caseira, conforme recomendação de uma vizinha, mas, erramos o endereço e... Que erro!

- Conte.

- Chegamos, era manhã de um domingo ensolarado. Lá estava o proprietário, um senhor idoso, sozinho, no jardim. Não esperava visitas a tal hora, nos explicamos, ele nos recebeu muito bem. Gostei dele à primeira vista: simples, afável, irradiava simpatia. Começamos falando do nosso gosto por vinhos de fabricação doméstica, mas não queríamos perturbar seu descanso. Ele sorriu.

Sorriso que interpretei como ‘nada neste mundo pode me tirar da minha tranquilidade’. Entramos, me surpreendi, ali não era bem o que

chamamos de sala de visitas e sim um confortável aposento, combinando a estante repleta de livros com assentos confortáveis, telas de diferentes estilos, um piano antigo... Tudo formando um conjunto que eu, sempre querendo medir meus interlocutores desconhecidos por seus habitats, ia interpretando como o lugar preferido de um homem culto e dado às artes, já que os livros estavam desordenados, evidenciando leituras, a sala em relativa desordem, o piano aberto, como se lhe importasse mais o espírito do que... Bem, difícil explicar.

- Estou curioso, que mais?

- Sobre a mesa de centro, uma partitura. Título, As Vozes do Meu Jardim. O compositor? Ele mesmo. Desandamos a conversar como se já nos conhecêssemos desde sempre, falando de nossas vidas, ele nos contando como, depois de ter morado e Florianópolis por muitos anos, já aposentado, viúvo, filho formado e morando na Itália, viera morar ali, atraído pela tranquilidade da cidade, pelos moradores, também ele descendente de italianos e, como eles, amante da música. E encontrado o caminho que o levará serenamente ao fim.

Depois, fomos caminhar pelo jardim, sua fonte de inspiração musical, onde apreende mínimos sons da natureza, vozes dos pequeninos seres viventes, o quase imperceptível roçar de raças de insetos se buscando, o piar de um filhote de passarinho, um grito de dor distante trazido pelo vento, o quase indistinguível eco do choque de corpos celestes em remotíssimas paragens, o ouvido a cada dia mais atento. Todos os sentidos têm-se apurado, o olhar a cada dia mais sensível a novas formas, a novas cores, um Universo até então desconhecido se revelando neste jardim e, ele harmoniosamente, se integrando nele. Da poeira das estradas eu vim e a ela regressarei, sem angústia, cumprida minha missão no Planeta. Assim nos falou, sereno e confiante.

A seguir, entramos, sentou-se ao piano e tocou sua bela composição. Um grande compositor se revelava... Difícil descrever os momentos de emoção perante a beleza das palavras do jardim se traduzindo, agora, em sons musicais... Sorriu quando lhe falei dessa superdotação em relação à natureza, acrescentando que certamente não era nada sobrenatural aos homens em geral não percebiam tais sutilezas por viverem em ambientes barulhentos e agitados ou terem embotado os sentidos por conta das tantas preocupações das quais não conseguem libertar-se.

- E ele está certo, Helena. Estamos sempre tão ligados a problemas reais ou imaginários, que acabamos criando uma carapaça a impedir tais sensações.

- Talvez seja mesmo assim, Alfredo, mas até certo ponto.

Compositores, pintores, poetas, artistas em geral são geneticamente diferentes de nós. Interpretam o mundo sob aspectos especiais, a emoção falando muito alto. Contudo, foi em Canelinha que o talento dele despertou, graças ao ambiente propício. Compreendo seu grande amor à cidade. Não pretende divulgar sua

composição, uma pena, uma perda para a Música, mas me prometeu uma cópia da partitura, que guardarei com um tesouro. Como você vê, Alfredo, foi mesmo prazeroso ter ido a Canelinha.

Maria Aparecida S. Coquemala – Itararé – SP

Segundo lugar:

PRAZER EM CONHECER-TE EM CANELINHA

Daniel estava excitado com aquela viagem. Rapaz solteiro gostava de viajar e conhecer novos lugares. Professor de Educação Física recém-formado, aprovado em concurso público do Estado, estava indo trabalhar naquela cidade de nome exótico. Adepto de esportes radicais, para ele seria uma maravilha morar naquela cidade com a maior pista de MotoCross da América Latina, um pico para o vôo livre e a Fazenda Silva Neto, onde eram realizados rodeios nacionais.

Daniel tinha 22 anos, era natural de Florianópolis e gostava da vida. Sempre havia morado com os pais e o irmão na capital e, desde cedo, demonstrara na escola interesse pelos esportes. Durante o Ensino Médio fora campeão de natação nos Jogos Escolares Estaduais, representando sua escola.

Estudando com afinco, passou no vestibular para Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina. E foi durante o curso, já nos últimos dias do sétimo período, que ele conheceu a bela Gabriela Rafaela. Morena com lábios carnudos, cabelos cacheados e sorriso encantador. Concluinte do curso de Letras, inteligente, articulada com os movimentos sociais e poetisa já premiada em vários concursos literários, era a garota com quem Daniel sempre sonhara.

Conversavam bastante, discutiam política, falavam sobre cinema e Daniel sempre querendo dar o primeiro passo rumo ao primeiro beijo. Finalmente beijaram-se com todo aquele desejo e carinho que um beijo pode ter e sentiram que desejavam muito mais.

Concluído o curso, no outro dia a bela Gabriela Rafaela teve que vol-

tar para casa em Anita Garibaldi, devido a um sério problema de saúde do pai. Foi tanta correria que nem teve tempo de despedir-se direito de Daniel. O rapaz telefonou vários dias para o celular da garota, mas ela havia perdido o aparelho durante a viagem e também não conseguiu mais entrar em contato com ele. O número do celular dele estava justamente na agenda telefônica do aparelho celular e com todos aqueles transtornos, a garota não conseguia mais lembrar o telefone de Daniel. Fez algumas tentativas, mas foi em vão. O pai de Gabriela Rafaela havia tido um enfarto e passou vários meses internado, tendo feito uma angioplastia e implantado duas pontes de safena.

Daniel não sabia mais o que fazer para entrar em contato com sua bela Gabriela Rafaela. Embora pensando ainda muito nela, não era de ficar curtindo saudades e logo se envolveu com outras garotas. Também tinha suas preocupações com a formatura que estava chegando. Após formar-se, trabalhou em algumas escolas, mas quando viu o edital do concurso do Estado, resolveu que queria mudar de ares.

Ao ler sobre a cidade de Canelinha e ver que havia vaga para professor de Educação Física na cidade, fez a inscrição e começou a estudar com disciplina e determinação. Apaixonou-se pela cidade e decidiu que era lá onde queria viver.

Passou no concurso, foi nomeado e, naquele dia, estava viajando para o município a fim de tomar posse como professor de Educação Física do Estado.

No primeiro final de semana ele já foi conhecer a pista de Moto-Cross. E quem ele encontra? A bela Gabriela Rafaela. Quando os dois se viram, sorriram com alegria, olharam-se, matando todas as saudades do mundo.

Gabriela Rafaela disse que era natural de Canelinha e até os 14 anos vivera na cidade. Depois se mudou com a família para Anita Garibaldi, onde o pai fora trabalhar. Entretanto, o mesmo havia se aposentado após recuperar-se do infarto e voltara com a família para Canelinha. Ouvida a história, Daniel mostrou-se muito feliz e disse:

- Então, prazer em conhecer-te em Canelinha!

E a partir daquele dia, Daniel e sua bela Gabriela Rafaela decidiram que queriam conhecer-se para sempre naquela acolhedora cidade de Canelinha.

Marinaldo Alves de Lima – Olinda – PE

Terceiro lugar:

PASSEIO PELO MORRO DA PIPA

Estava andando pelas ruas de Canelinha, uma cidade bela, mesmo na sua simplicidade. Decidi parar para descansar na Praça da Igreja Matriz. Lá encontrei vários conhecidos. É impressionante como todos passeiam por Canelinha. Encontrei também uma velha amiga que morava em São João Batista e tinha acabado de se mudar para a cidade, porque seu pai veio trabalhar numa das muitas cerâmicas ali existentes.

Ela disse que já havia escutado vários comentários sobre a cidade de Canelinha e um deles foi a respeito do Morro da Pipa ou da Asa-Delta. Ficou muito curiosa e, logo que chegou à cidade, foi visitá-lo e ficou encantada com o que viu e começou a contar:

— Amiga, é muito bonito ver as pessoas saírem voando como pássaros. Elas devem se sentir muito, muito livres, soltas no ar.

Sem contar que a vista lá de cima é magnífica. Só fiquei triste por um motivo, não tenho coragem para voar de asa-delta. E você, já foi lá?

E eu respondi:

— Eu? Eu não! Nunca! Mas nós podemos ir lá agora. Vamos?

— Vamos!

Então, lá fomos nós rumo ao Morro da Asa-Delta. A cada localidade pela qual passávamos, íamos vendo a simplicidade e a hospitalidade da gente daquela cidade. Já no topo do morro, ficamos boquiabertas com tanta beleza natural. Mesmo com muito medo, decidimos voar, com instrutores. Estávamos nervosas, mas começamos a correr, fechamos os olhos e, quando os abrimos, estávamos no ar! A sensação de liberdade é indescritível.

Quando descemos, estávamos muito felizes e, com certeza, voltaremos para voar novamente ou para admirar a deslumbrante paisagem. Canelinha é uma cidade com muitos lugares bonitos para se conhecer. Fica aqui o convite. Venha nos conhecer.

Priscila Gomes – Tijucas – SC

MENÇÃO HONROSA - POESIAS

CANELINHA

Não é a cidade dos sonhos,
Mas é onde muita gente quer chegar...
Pois a tranquilidade que há
Não encontramos em outro lugar.

Oh, cidade abençoada!
Onde as crianças são bem amadas.
A simples cidade da esperança,
Onde não há mágoa, nem vingança.

Canelinha, tão valorizada
Por suas cerâmicas bem equipadas,
Onde os pais de família seguem a sua jornada
Para ganhar sua mesada!

E para nossas vidas alegrar,
Temos festas de arraial.
Para nos emocionar,
Só vendo belas motos empinar.
E o nosso rodeio pra dançar
Até o Sol raiar!

É, nossa cidade é bela
E o povo quer que ela cresça
Cada dia mais,
Pois aqui todos lutam.

Sabemos que iremos vencer,
Cedo ou tarde,
Canelinha há de crescer!

Camila Helena Machado – Canelinha – SC

CANELINHA

Canelinha... Canelinha...
Os índios já estavam aqui,
E falavam tupi.

Canelinha... Canelinha...
É a cidade do amor,
E dos poemas.

Canelinha... Canelinha...
Com você me sinto flutuando,
Aqui me sinto feliz!

Tainá Guimarães dos Santos – Tijucas – SC

PRAZER EM CONHECÊ-LA

Canelinha, uma terra maravilhosa
E de muitas histórias.
Uma cidade que
Não me sai da memória.

Caminhando pela noite,
Agradeço a Deus
Por ter passado por ti,
Uma cidade com pessoas tão amáveis.

De ti sinto saudade,
Pois ao anoitecer,
Fui conhecer a Igrejinha.
Que prazer!

Cuidem dela.
Aproveitem-na, não destrua.
Tenham autoestima elevada,
Canelinha é sua.

Viviane Ferreira – Tijucas – SC

CANELINHA

Canelinha...
Oh, terra minha,
Terra amada.

Terra encantadora e adorada.

Canelinha...

És bela e adorável.

Terra de encantos e prazeres.

Terra de belezas e sabedoria.

Canelinha...

Terra de gente boa,

De povo humilde,

Também de riquezas e delicadezas.

Canelinha...

Cidade... Campo...

Qualquer lugar, um encanto,

E de belezas.

Canelinha...

De maravilhas naturais,

De descobertas gerais

Em cada canto.

Edna Camatini – Tijucas – SC

CANELINHA

Cidade tão pequenina

Que se localiza entre Tijucas e São João.

Cidadezinha tão aconchegante

Que mora no meu coração.

Cidade das cerâmicas

Que a tantas famílias favorece

Apesar de ser muito pequena,

O amor e o respeito, de todos merece.

À nossa padroeira, Santa Ana,

Aqui quero agradecer

Por abençoar este lugar
No qual queremos sempre viver.

Indianara Alexandre – Canelinha – SC

CANELINHA

Cidade do MotoCross, das cerâmicas...
Ah, e de gente que esbanja fraternidade
E tem muita hospitalidade.

Sem contar das belas paisagens
Como as que o Rio Tijucas
Desenha.

Oh, Rio Tijucas,
Lindo como sempre,
Do raiar ao entardecer do dia.

Há também a linda figueira
Com a sua grande sombra para relaxar
E esquecer os problemas do dia a dia.

A Matriz de Santa Ana
Que, a seus pés, tem o lindo Vale,
Cheio de cantos e encantos.

Bruna Jaques – Tijucas – SC

QUERIDA CANELINHA

Canelinha...
Cidade de encantos e que encanta.
Que delícia acordar,
Ouvindo os pássaros cantando
E o pequeno beija-flor a voar,
Admirando o pôr do Sol.

Canelinha...

Cidade das cerâmicas,
Onde bate um coração de barro.
Comércio, pessoas sempre sorrindo,
Simpáticas, tentando agradar.

Canelinha...
Cidade de pessoas honestas.
Querida Canelinha,
Suas flores atraem olhares,
Parecem sempre em festa.

Canelinha,
Tenho algo a dizer:
Tenho orgulho de aqui viver.

Paloma da Silva Antunes – Tijucas – SC

PRAZER EM CONHECER

Prazer em conhecer,
Canelinha, minha cidade,
Minha família.

Canelinha,
Onde rondam as andorinhas.
Minha vida,
Minha Infância.

Esta é Canelinha,
Uma cidade encantadora
Com belas paisagens.
Prazer em conhecer, Canelinha.

Elton Leal – Tijucas – SC

CANELINHA

Canelinha,
Quem aqui vem uma vez,
Sempre quer voltar

E de tuas belezas desfrutar.

Canelinha,
Cidade da cerâmica
Que é destaque nacional
E faz de ti, Pólo Industrial.

Canelinha,
Quem nasce aqui, não quer sair
E quem sai,
Não consegue resistir.

Canelinha,
Cidade da diversão
Que contagia este povão
E mora no meu coração.

Canelinha,
Nossa gente é hospitaleira
E está sempre de braços abertos
Para acolher a quem vier te visitar.

William César Rebelo – Canelinha – SC

CANELINHA, PRAZER EM CONHECER

Canelinha,
Nome de uma canela
Que no fundo do rio surgiu!

Mas canela era pouco.
Canelinha
É mais bonito e carinhoso.
O aconchego
Que teu nome revela
Para com o povo é generoso.

Canelinha,

Era um nome
Que muito carinho assim trazia.

E o povo,
Com garra e amor
Abraçou esta terrinha.

Fez desta terra, dada por Canelinha,
Telhas, tijolos e pisos
Para construir nossas casinhas.

Mas não vivemos
Apenas da exploração do solo.
Com ele também queremos brilhar:

Com o autódromo e o motódromo
O nome Canelinha
Queremos bem alto elevar.

Janaína dos Santos Martins – Canelinha – SC

QUERIDO MUNICÍPIO

Canelinha,
Um município com pequena população.
É a cidade das cerâmicas,
Por isso, há muita poluição.

Canelinha precisa ser preparada
Para superar a poluição.
Privilegiar o meio ambiente,
Dando orgulho ao cidadão.

O canelinhense é um povo
Trabalhador e responsável,
Querido e virtuoso,
Evoluído, admirável.

Os Campeonatos de MotoCross,
No bairro do Areão,
São sempre destaque
Para Canelinha e o povão.

Oh, querida Canelinha!
Deste para cada habitante
Força de vontade e alegria.
Continue assim tão importante.

Viva Canelinha,
Viva o povo canelinhense!
Cultura aqui não falta,
Será sempre resplandecente.

Jeisiane Benevenuto – Canelinha – SC

SEMPRE CANELINHA

Muitos falam:
- Que municípinho!
Mas se esquecem da cultura,
Do lazer e até mesmo de viver.

Canelinha
É um município humilde,
Mas será que CANELA se exalta?
Penso que sim.

Canelinha,
É o centro do mundo
No MotoCross.

Tem um grupo poético
De nível nacional
Que um dia será internacional.

Canelinha, Canelinha,

És tão bela
E tão minha!
Um setor que vem crescendo
É a cultura, tão cheia de ternura
Especialmente a literatura.

Canela,
Qual é o teu esporte?
O MotoCross dá sorte.

Mas o futebol é mais forte.
Canela,
Qual é o nosso esporte?

O esporte em geral
É povo, união.
É amor a Canelinha.

Ivonaldo Dias – Tijucas – SC

A CIDADE DE CANELINHA

A cidade de Canelinha
É especial.
Tem mercados, lojas e padarias.

Na cidade de Canelinha
É onde todos
Gostariam de estar.

Da cidade de Canelinha
Todos gostam
De verdade.
A cidade de Canelinha
Está muito bonita.
Dá gosto de visitar.

Emily de O. Gomes – Tijucas – SC

MENÇÃO HONROSA - CRÔNICA

CANELINHA, PRAZER EM CONHECER

Deu-se um vendaval que derrubou uma grande árvore sobre o leito do Rio Tijucas, fazendo a ligação entre o atual centro e o bairro de Papagaios, parecendo uma ponte que deixava um estreito espaço livre para a navegação que subia o rio. A árvore caída era um belo exemplar de canela, carinhosamente apelidada de canelinha. Daí o nome de nossa cidade.

Canelinha é uma cidade de gente humilde, que trabalha com o barro, fabricando telhas e tijolos, materiais indispensáveis para a construção civil. Com o barro também produz peças de artesanato que são apreciadas pelo povo da cidade pelos viajantes da SC-411, rodovia estadual que corta nossa região. Com o suor do rosto, os trabalhadores mostram que, por mais simples que seja, o trabalho dignifica o homem.

Sob as bênçãos de Santa Ana e Santa Paulina nossas crianças preparam-se para o futuro, nas escolas, estudando e aprendendo a preservar nossa história.

Gislaine F. da Silva – Tijucas – SC

MENÇÃO HONROSA - CONTO

AVENTURAS DE CHAPEUZINHO VERMELHO

Era uma vez uma jovem chamada Ana, mas todos a conheciam por Chapeuzinho Vermelho, porque sempre usava um capuz vermelho que tinha ganhado do namorado Davi. Ela estava muito entediada na cidade do interior, pois seu amado havia ido morar em Canelinha. Então saiu de casa e foi em busca de seu grande amor.

Em Canelinha, sentiu-se perdida, mas ficou encantada com a cidade, pequena e com pessoas muito simpáticas. Hospedou-se num pequeno hotel no centro e, como Davi não apareceu, foi até o bairro do Areão, onde estava acontecendo o Campeonato Mundial de MotoCross. Ela nunca havia visto tanta gente de tantos lugares diferentes.

Como não conhecia a pista, decidiu entrar e lá encontrou seu namorado. Os dois, no meio daquela multidão, abraçaram-se felizes. Ficaram juntos durante toda a competição e depois a moça fechou a conta no hotel e foi

para a casa de Davi. À noite, os dois saíram para passear e ela mostrou-se muito interessada em conhecer a história da cidade. E Davi satisfaz a curiosidade da namorada:

- No final do século XIII, a Coroa Portuguesa decidiu expandir a distribuição de sesmarias, do litoral para o interior. Criou-se então um porto onde hoje está o município de São João Batista. Ali, colonos açorianos cultivavam a terra e extraíam a madeira das matas. Em 1875, chegaram os primeiros imigrantes italianos, completando as características étnicas da população local. O nome Canelinha vem de uma árvore abundante na região. Depois de uma tempestade, caiu um tronco desta espécie sobre o leito do Rio Tijucas, oferecendo grande perigo à navegação e os navegantes antes de chegarem até o local, alertavam:

- Cuidado com a canelinha!

Ana adorou a história e disse para Davi que também gostou da cidade, porém precisa retornar para casa. Ambos fizeram um acordo de que sempre que fosse possível, ele iria buscá-la para visitar a aconchegante Canelinha.

Amábile Fumagalli – Canelinha – SC

A psicóloga Almira Lima, natural de Rio Grande – RS, durante visita ao Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, escreveu e presenteou o Professor Nereu do Vale Pereira com a seguinte poesia sobre o local:

O Flamboyant em flor....

Almira Lima

O mar suave, batendo na areia solitária da praia.

Uma brisa que refresca nossa alma.

Uma chuvinha miúda molhando a terra.

Um convite amigo a conversarmos com nosso Divino Interior.

Um convite a nos perguntarmos:

-“Como vai indo minha felicidade?”

Um convite talvez à mudanças...

Ribeirão da Ilha...

Pousada do Museu...

Cena paradisíaca!
Os deuses sorririam... se aqui estivessem
(estarão?)

Alamandas amarelas coroando Nossa Senhora da Lapa que nos abençoa!
Tanta beleza fortalece nosso sagrado evoluir...!
Com certeza...!

Correspondência de outras Comissões de Folclore

DIÁRIO DO NORDESTE – 03/01/2010

PERMANÊNCIA

Reisado de Couro é raridade no Nordeste

Mestre Zé Gonçalo do Reisado de Couro, do Barro Vermelho, localizado no Município de Barbalha. Desde cedo, decidiu levar a brincadeira de reisado com muito respeito.

Barbalha Município de Pernambuco. Um dos mais raros tipos de reisado do Nordeste se encontra no Barro Vermelho, neste Município. É o Reisado de Couro. O grupo foi resgatado há mais de três décadas e resiste ao tempo com os seus brincantes. O Mestre José Pedro de Oliveira, Mestre Gonçalo ou Mestre Pedro, com 81 anos, luta pela permanência da tradição e sai no comando das ordens com o seu pandeiro.

Final de tarde no Sítio Barro Vermelho, e está lá, sentado na varanda de casa no seu sítio, o receptivo brincante Zé Gonçalo, que já foi líder dos penitentes, o decurião, e Mateu de reisado. Desde cedo, mesmo sem o apoio do pai, decidiu levar a brincadeira de reisado com muito respeito. Chegava a fugir de casa, aos 14 anos, para brincar. E deixava a rede montada como se tivesse gente lá dentro dormindo.

O personagem do Mateu ficou só na lembrança. O Mestre fala da sua destreza na juventude e de um erro do adversário na dança. Isso resultou em sangue, já que um corte acima do olho fez o companheiro ir para o hospital. O nervosismo do Mestre Zé Gonçalo fez com que ele não quisesse mais encarar o personagem. Foi a única vez que tirou sangue de alguém, mesmo sem querer.

A tradição do Reisado de Couro remonta mais de 100 anos em Barbalha, segundo o Mestre, que recebeu o título de Mestre da Cultura Popular no Estado, em 2005. Zé Gonçalo agora busca incentivar os novos brincantes, o que não é uma tarefa fácil. O medo é que a tradição fique sem continuidade.

As apresentações do grupo aconteciam na sede dos agricultores do bairro e depois nas ruas da cidade de Barbalha. Na principal festa da cidade, no dia 13 de junho, é de lei o grupo se apresentar. Na data também se comemora o aniversário do líder do grupo.

“Estou perto de viajar e o importante é que fique a cultura”, diz. Ele afirma que sempre procura estar nas apresentações para dar o comando com o seu pandeiro. Para o Mestre, os brincantes fazem as apresentações, mas nunca é como se o mesmo estivesse presente. O velho agricultor se empolga quando o assunto é reisado. “A cultura popular não pode acabar porque vem do começo do mundo. Se acaba se o mestre não se interessar de passar para as próximas gerações”, ressalta.

Criação

Zé Gonçalo teve a preocupação de aprender com os outros. Foi decorando os passos e as letras de cabeça com outros mestres. Quando decidiu montar o Reisado de Couro, foi criando com os outros colegas, como Chiquinho Bernardo. As vestimentas e as máscaras de couro foram sendo confeccionadas aos poucos.

O grupo foi assumindo uma identidade e alegria. “A diferença do reisado do couro é que os caretas entram gritando”, diz Zé Gonçalo. As vestimentas do grupo foram sendo criadas aos poucos, e também as máscaras de couro de boi.

Além do Mestre, tem os caretas, um babau (cavalo) e uma burrinha, o boi careta, o urubu e o jaraguá. São personagens que contam a história de uma tradição rara. É uma dança diferente. “Só de animação”, completa o Mestre. No comando da batida do pandeiro, no ritmado da sanfona e do bumba, os personagens entram em cena. É a entrada da chegada na casa: “Ô de casa, ô de fora, menina vem ver quem é...”. Tem também a chegada do boi.

Elementos distintos

De acordo com o folclorista Cacá Araújo, o reisado se apresenta com estrutura ou elementos distintos nas várias regiões do Estado. No Cariri, a presença do negro na cultura da cana-de-açúcar faz aparecer o reisado como Reis de Congo. No sertão, a cultura do gado o transforma no Reis de Couro ou Reis de Careta. No litoral, surgem novas figuras como os “papangus” e o “folharal”.

As dificuldades de manutenção das tradições desses grupos, segundo Cacá, tem como vilão e um dos principais entraves ao desenvolvimento de qualquer folguedo a carga midiática. “Difundindo saberes e costumes estranhos à nossa cultura, muitos deles carregados de futilidade consumista e pornografia”, constata ele.

Idade

81 anos tem o mestre José Pedro de Oliveira, conhecido como mestre Gonçalo ou mestre Pedro. Ele luta pela permanência da tradição e sai no comando das ordens com o seu pandeiro

MAIS INFORMAÇÕES

Secretaria de Cultura do Município de Barbalha

Região do Cariri - Estado do Ceará

Telefone: (88) 3532.1708

ELIZÂNGELA SANTOS

REPÓRTER

Com quantos paus de faz uma Canoa?

Paulo Clóvis Schmitz, jornalista dedicado a colher peculiaridades culturais da Ilha de Santa Catarina escreveu e publicou no Jornal Notícias do Dia, Florianópolis no dia 6/7 de março de 2010 o artigo que, dada a sua formosura e preciosidade, publicamos.

“Na Costa da Lagoa, pouca gente sabe quem é Ernesto Bertoldo Seara, mas se perguntarem por seu Zico, pescador eventual e conhecedor de cada recanto da vila, a identificação é imediata. Mesmo após trocar as armadilhas diárias da pesca pela vida segura de caseiro, ele se mantém como um dos últimos fabricantes de canoas de um pau só, utilizando



troncos de garapuvu, a árvore-símbolo da Ilha de Santa Catarina. Apesar do rigor dos órgãos ambientais, que impedem a retirada da matéria-prima de seu habitat natural, ainda há quem permaneça fiel a essa arte que nasceu com os índios e foi adotada, por sua grande serventia nas lides do mar, pelos açorianos e seus descendentes, a partir do século 18, na região da Capital.

Esta semana, Zico, 56 anos, terminou de escavar o tronco daquilo que será mais um de seus rebentos – uma canoa de 3,5 metros, para uso individual. Em breve, ele fará o acabamento e irá atrás de um comprador. Há poucos dias, também recebeu o convite de uma moradora do Canto dos Araçás que quer transformar um garapuvu caído em canoa. “Se alguém achar a madeira, faço o barco no tamanho que der”, afirma. Se não sair uma embarcação, saem peças em miniatura que são vendidas como artesanato ou barquinhos usados por crianças nos remansos do litoral – outra utilidade lúdica das canoas inteiriças fabricadas na região.

O garapuvu é a melhor madeira que existe para produzir um barco, por ser tolerante às ferramentas e mais resistente à água do mar. “A planta pode ser encontrada nos tons amarelo, rosa, vermelho, cedro e branco; esta última é a menos usada, por ser mole demais para as exigências da pesca”, diz o consultor. De 15 dias a um mês é o tempo necessário para transformar o tronco bruto numa canoa, que mostra na água uma agilidade incomum, daí o seu prestígio entre os pescadores. Neste sentido, pelo menos para as

pequenas tarefas, ela é mais interessante que a baleeira – grande, cara e mais indicada para incursões em mar grosso.

Herança dos indígenas

Se os índios queimavam o tronco para facilitar o falquejo da madeira, os artífices contemporâneos fazem da enxó a ferramenta principal para fabricar as canoas de um pau só. Desde os 15 anos, vendo os avós na faina, seu Zico vem preservando a atividade na Costa, onde apenas outro nativo, seu Dico, atua no mesmo ramo.

A arte da fabricação de canos impõe alguns hábitos aos construtores. A grossura ideal das paredes do barco é pressentida batendo a ferramenta na madeira. Essa é outra herança dos indígenas, que procuravam fazer barcos leves, de grande desenvoltura no mar e que não assustassem os peixes por causa do barulho das manobras.

O que seria um barco de um pau só, n entanto, leva elementos de outras árvores. A quilha, os bancos, o espelho e as bordas são de madeiras como a peroba e a imbuia.”



Artífice. Seu Zico em dois momentos: falqueando um tronco (Acima) e montando uma das canoas que constrói.

O CRAVO NÃO BRIGOU COM A ROSA

Luiz Antônio Simas
(Mestre em História Social pela UFRJ e professor de História do Ensino Médio)

Chegamos ao limite da insanidade da onda do politicamente correto. Soube dia desses que as crianças, nas creches e escolas, não cantam mais “O cravo brigou com a rosa”. A explicação da professora do filho de um camarada foi comovente: a briga entre o cravo - o homem - e a rosa - a mulher - estimula a violência entre os casais. Na nova letra “o cravo encontrou a rosa/ debaixo de uma sacada/o cravo ficou feliz /e a rosa ficou encantada”.

Que diabos é isso? O próximo passo é enquadrar o cravo na Lei Maria da Penha. Será que esses doidos sabem que “O cravo brigou com a rosa” faz parte de uma suíte de 16 peças que Villa Lobos criou a partir de temas recol-

hidos no folclore brasileiro? É Villa Lobos, cacete!

Outra música infantil que mudou de letra foi Samba Lelê. Na versão da minha infância o negócio era o seguinte: “Samba Lelê tá doente/Tá com a cabeça quebrada/Samba Lelê precisava/ É de umas boas palmadas”. A palmada na bunda está proibida. Incita a violência contra a menina Lelê.

A tia do maternal agora ensina assim: “Samba Lelê tá doente/ Com uma febre malvada/ Assim que a febre passar/ A Lelê vai estudar”. Se eu fosse a Lelê, com uma versão dessas, torcia pra febre não passar nunca. Os amigos sabem de quem é Samba Lelê? Villa Lobos de novo. Podiam até registrar a parceria. Ficaria assim: Samba Lelê, melodia de Heitor Villa Lobos e letra da Tia Nilda, do Jardim Escola Criança Feliz.

Comunico também que não se pode mais “atirar o pau no gato”, já que a música desperta nas crianças o desejo de maltratar os bichanos. A Sociedade Protetora dos Animais cairia em cima com processos.

Quem “entra na roda” dança, nos dias atuais. Não pode mais ter “sete namorados para se casar com um”. Sete namorados é coisa de menina fácil, estimula o sexo sem amor, a vulgaridade.

Ninguém mais canta: “Pai Francisco entrou na roda, tocando seu violão, vem de lá Seu Delegado, e pai Francisco foi pra prisão”. O pobre do Pai Francisco foi preso apenas por vadiagem, mas atualmente ficaria sob a suspeita de ser traficante.

Ninguém mais é “pobre ou rico de marré-de-si”, para não lembrar à garotada a desigualdade de renda entre os homens. Dia desses alguém [não me lembro exatamente quem se saiu com essa e não procurei a referência no meu babalorixá virtual, Pai Google da Aruanda] foi espinafreado porque disse que ecologia era, nos anos setenta, coisa de viado.

Qual é o problema da frase? Ecologia, de fato, era vista como coisa de viado. Eu imagino se meu avô, com a alma de cangaceiro que possuía, soubesse que algum filho estava militando na causa da preservação do mico-leão-dourado, em defesa das bromélias ou coisa que o valha. “Bicha louca”, diria o velho.

Vivemos tempos de não me toques que eu magôo. Quer dizer que ninguém mais pode usar a expressão “coisa de viado”? Que me desculpem os paladinos da cartilha da correção, mas isso é uma tremenda babaquice. O politicamente correto é a sepultura do humor, da criatividade, da divertida sacanagem. A expressão “coisa de viado” não é, nem a pau (sem duplo sentido), ofensa a bicha alguma.

Daqui a pouco só chamaremos o anão - o popular pintor de roda-pé ou leão-de-chácara de baile infantil - de deficiente vertical. O crioulo - vulgo

picolé de asfalto ou bola sete (depende do peso) - só pode ser chamado de afrodescendente. O branquelo - o famoso branco azedo ou Omo total - é um cidadão caucasiano desprovido de pigmentação. A mulher feia - aquela que nasceu pelo avesso, a soldado do quinto batalhão de artilharia pesada, também conhecida como o rascunho do mapa do inferno - é apenas a dona de um padrão divergente dos preceitos estéticos da contemporaneidade. O gordo - outrora conhecido como rolha de poço, chupeta do Vesúvio, “Orca, a baleia assassina” e bujão - é o cidadão que está fora do peso ideal. O magricela não pode ser chamado de morto-de-fome, pau-de-virar-tripa e Olívia Palito. O careca não é mais o aeroporto de mosquito, tobogã de piolho e pouca telha.

Nas aulas sobre o barroco mineiro, não poderei mais citar o Aleijadinho. Direi o seguinte: o escultor Antônio Francisco Lisboa tinha necessidades especiais... Não dá. O politicamente correto também gera a morte do apelido, essa tradição fabulosa do Brasil.

O recente Estatuto do Torcedor quer, com os olhos gordos na Copa e 2014, disciplinar as manifestações das torcidas de futebol. Ao invés de mandar o juiz “pra puta-que-o-pariu” e o centroavante pereba “tomar no olho-docu”, cantaremos nas arquibancadas o allegro da Nona Sinfonia de Beethoven, entremeado pelo coro de “Jesus, Alegria dos Homens”, do velho Bach.

Falei em velho Bach e me lembrei de outra. A velhice não existe mais. O sujeito cheio de pelancas, doente, acabado, o famoso pé-na-cova, aquele que dobrou o Cabo da Boa Esperança, o cliente do seguro-funeral, o popular tá-mais-pra-lá-do-que-pra-cá, já tem motivos para sorrir na beira da sepultura. A velhice agora é simplesmente a “melhor idade”.

Se Deus quiser morreremos, todos, gozando da mais perfeita saúde. Defuntos? Não. Seremos os inquilinos do condomínio Cidade do Pé-Junto.

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

QUADRO DE ASSOCIADOS – 2010

1. Nereu do Vale Pereira - Presidente
2. Doralécio Soares – Presidente Honorário
3. Osvaldo Ferreira – Sócio Fundador
4. Valter Fernando Piazza – Sócio Fundador
5. Gelsi José Coelho
6. Maura Soares
7. Francisco do Vale Pereira
8. Carlos Alberto Angioletti Vieira
9. Acyr Osmar de Oliveira – Sucursal de Itajaí
10. Taiana Haelsner – Sucursal de Blumenau
11. Valter Osvaldo Sant'ana
12. Jussara Bayer
13. Waldyr Gomes
14. Leonir Pedro da Silva
15. Márcia Reis Bittencourt
16. Fernando de Souza
17. Leonardo Micheli
18. Sílvio José Heunecke
19. Ignácio de Mendonça
20. Gabriela Pereira
21. Marica Rosa da Conceição
22. Rúbia Cristina dos Santos
23. José Roberto Severino
24. José Bento Rosa da Silva
25. Dagoberto Coelho
26. Nérilton Valério Martins
27. Maurício de Barcelos Sant'ana
28. Ilse Maria Paulino Gomes
29. Janaina Reis
30. Maria do Carmo Tripalli Fachini
31. Mariângela Leite
32. Flávio José Cardoso
33. Luiz Eduardo Caminha

PATROCÍNIO:



POUSADA E
RESTAURANTE
DO MUSEU

*Tranquilidade, conforto
e boa comida na
Ilha da Magia.*



*Florianópolis
SC - Brasil*

COMPLEXO TURÍSTICO ECOCULTURA DO RIBEIRÃO DA ILHA

POUSADA E RESTAURANTE DO MUSEU

Rodovia Baldicero Filomeno 10100/10106 - Ribeirão da Ilha
Florianópolis - SC - Fone: 48 3237- 8148 Fax: 48 3237-8016

E-mail: ecomuseu@pousadadomuseu.com.br

Homepage: www.pousadadomuseu.com.br

VISITE O SITE DO ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA

